

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Impressões do Cinema Espanhol em Democracia
em colaboração com Mostra Espanha 2024
18 e 20 de Novembro de 2024

LEJOS DE AFRICA / 1996

um filme de Cecilia Bartolomé

Realização: Cecilia Bartolomé / Argumento: Cecilia Bartolomé, José Juan Bartolomé / Imagem: Pancho Alcaine / Música: Jose Antonio Quintano / Montagem: Luis Villar / Com: Alicia Bogo (Susana), Yanelis Bonifacio (Rita), Ademilis Hernández (Rita), Isabel Mestres (Marina), Xabier Elorriaga (Gonzalo); Carlos Cruz (Paco Romero), Patricio Wood (Diego), Idelfonso Tamayo (Sylvano), Alden Knight (Dr. Oyono), Jorge Prieto, José Lifante, Ernesto Martín.

Produção: Marea Films; ICAIC em associação com Era Films e Animatógrafo / Produtores: Cecilia Bartolomé; Adrian Lipp; Camilo Vives (Espanha, Cuba, 1996) / Cópia: em 35mm, legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração: 115 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

“Rita foi arrancada da sua família indígena para ser convertida numa criança europeia que não queria ser”.

Em **Lejos de África** Cecilia Bartolomé aborda o colonialismo espanhol na Guiné Equatorial através da história da amizade entre duas raparigas, uma branca e uma negra, cujos destino se cruzam, revelando-nos o seu crescimento conjunto e a inevitável separação. Bartolomé trabalhou a partir das suas memórias de infância e de juventude e de um imaginário associado à película de Super 8mm, para nos devolver um filme impregnado por uma certa nostalgia, mas também por um forte sentido crítico sobre os últimos anos de um regime colonial, que culminaria no retorno de muitos a Espanha.

O racismo, as diferenças culturais, os costumes locais, tudo é abordado de forma mais directa ou indirecta, revelando-nos o filme uma realidade que apresenta várias camadas, recusando a simplificação. A sequência introdutória, em que assistimos à chegada da família de Susana a África, traduz de imediato várias destas questões relativas à forma de tratamento dos nativos pelos colonos brancos que habitavam a Guiné Equatorial, ou por aqueles acabados de chegar da “Península”.

De início tudo é filtrado pelo olhar das crianças, a quem se explica quais as palavras que podem ou não podem usar, mas também pelo confronto dos adultos com uma realidade

que lhes é estranha: a mãe de Susana que é proibida de entrar na cozinha, o facto de não poder fazer qualquer trabalho doméstico. Mas o filme insiste ainda numa outra dimensão, que tem sobretudo a ver com a religião, crenças e superstições, revelando-se o contraste entre essas mesmas crenças. “Não estou a brincar, estou a fazer magia”, diz Rita, a menina que será a grande amiga de Susana. E é a magia que impregnará todo um filme, em que as duas amigas embarcam várias vezes em experiências mágicas com diferentes desfechos, que contrastam com a educação rígida que recebem no plano da religião e moral.

Mas, como também se diz a dada altura em **Lejos de África**, “os velhos espíritos da ilha pouco podiam fazer face ao poder colonial da ditadura espanhola”. E é a isso que assistimos. Se Rita não herdou os poderes mágicos do seu avô e acabou por ser educada segundo a cultura europeia, ficaria no seu país para mais tarde se revelar contra tal poder colonial. Cecilia Bartolomé constrói toda esta ficção mantendo uma certa aparência documental que nos conduz assim à sua própria história.

Joana Ascensão